

“SE EU QUISER COMER, EU VOU COMER”: CORPO, DISCURSO E RESISTÊNCIA

Virginia Barbosa Lucena Caetano

Mestra em Letras (UFPEL-RS), Pelotas, Brasil

Luciana Iost Vinhas

Doutora em Letras (UFRGS-RS), Porto Alegre, Brasil.

Professora do Programa de Pós-graduação em Letras (UFPEL-RS), Pelotas, Brasil

RESUMO: No presente trabalho, nos propomos a refletir sobre o ato de comer como efeito de um processo de subjetivação e, como tal, atravessado pelo funcionamento da ideologia e do inconsciente. Para tanto, utilizamos como *corpus* uma sequência discursiva recortada de um depoimento publicado pelo projeto *Não tem Cabimento*, no qual mulheres relatam episódios de gordofobia vividos. Partindo da compreensão de que a ideologia dominante regula, através dos discursos sobre saúde e estética, a forma como os sujeitos devem se relacionar com a alimentação e, por consequência, com suas formas corporais, podemos compreender o ato de comer, no contexto em questão, isto é, praticado por uma mulher gorda, como uma forma de resistência, uma vez que comer passa a ser uma prática que aponta para um processo de contraidentificação com a formação discursiva dominante e os domínios de saber que ela organiza.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Comer. Resistência.

ABSTRACT: In the present study, we have the objective of reflecting on the act of eating as an effect of a subjectification process, and, as such, it is crossed by the functioning of the ideology and the unconsciousness. In order to do so, our *corpus* is a discursive sequence that was taken from a short narrative which was published on an online project called *It Does Not Fit (Não tem Cabimento)*, in which women report situations of fatophobia that were lived by them. Understanding that the dominant ideology regulates the way the subjects must relate to food, and, in consequence, to their body shapes, and, also, that this regulation occurs through the discourses about health and aesthetics, we can understand that the act of eating, in the context in question, that is, practiced by a fat woman, is a way of resisting, since eating becomes a practice that points to a process of counteridentification with the dominant discursive formation and the domains of knowledge that it organizes.

KEYWORDS: Discourse. Eating. Resistance.

INTRODUÇÃO

Nunca, na história, fomos expostos a uma diversidade tão grande de possibilidades alimentares. Ao mesmo tempo, as normatizações sobre o “comer de forma correta” se

configuram cada vez mais rígidas. Entre as dietas restritivas e a compulsão alimentar, comer se tornou um conflito cotidiano para o sujeito contemporâneo. Muitas dessas questões se dão pela industrialização da cadeia alimentar. A partir do momento em que os alimentos começaram a ser comercializados em grande escala, a disputa econômica nesse mercado passou a colocar diversos imaginários sobre a alimentação em circulação. Comer bem, comer mal, ser feliz comendo, são alguns sentidos que permeiam o ato de comer hoje e que nos permitem perceber que se alimentar deixou de ser apenas uma ação natural e essencial à vida e passou a fazer parte das formas de simbolização dos sujeitos e das culturas.

Conforme Santos (2008), o ato de comer participa da construção do corpo não apenas como composição fisiológica, mas também em aspectos culturais e simbólicos. As práticas alimentares, de acordo com a autora, são socialmente construídas e carregam marcas culturais dos diferentes grupos sociais. Distinto de outras formas de consumo vigentes, o alimento, no ato de comer, é literalmente incorporado ao corpo fisiológico. Isso produz efeitos na forma como os imaginários sobre o comer se constituem, e também na constituição dos imaginários sobre saúde, beleza, e outros elementos que compõem o padrão corporal vigente.

Ao abordar elementos referentes aos imaginários sobre o corpo e sobre o comer não podemos deixar de considerar as questões político-econômicas que estão na base dos processos de constituição e circulação desses imaginários. Vemos massivamente em circulação publicidades de produtos alimentares ultraprocessados que, apontam os especialistas em nutrição, são responsáveis pelo aumento considerável dos casos de obesidade nos países ocidentais. Isso acontece ao mesmo tempo em que, cada vez mais, ganham espaço na mídia e nas redes sociais online publicidades de produtos, práticas e terapias para emagrecimento. A partir disso, podemos perceber que a relação do sujeito contemporâneo com sua forma e imagem corporal se tornou combustível para o funcionamento de um mercado que, na mesma medida em que busca convencer as pessoas de que é preciso consumir alimentos calóricos, provê, posteriormente, uma solução, muitas vezes veiculada como milagrosa – dietas, remédios, terapias, etc. – para que todos busquem manter o padrão corporal imposto.

É preciso levar em consideração, também, as relações de classe que envolvem a produção, a oferta e o acesso a alimentos na nossa formação social. A variedade de hábitos alimentares e a possibilidade do “comer por prazer” são privilégio de uma parte da população, em detrimento de um grande número de pessoas que não tem acesso a nenhuma alimentação

ou apenas ao mínimo necessário para sua subsistência. Mesmo entre o grupo de pessoas com acesso a uma maior variedade alimentar, há uma divisão entre, de um lado, os que têm acesso à informação, a consultas médicas e a orientações frequentes sobre suas necessidades nutricionais, alimentos orgânicos e frescos, e, de outro, aqueles cujo acesso à alimentação se restringe aos produtos alimentares industrializados e *fastfoods*.

Embora a indústria alimentar produza uma variedade cada vez maior de produtos alimentícios calóricos e pouco nutritivos, cuja ingestão produz efeitos significativos na saúde e na forma corporal de quem os consome, os padrões estéticos vigentes são cada vez mais rígidos. As representações de beleza e saúde veiculadas pela mídia e pelas redes sociais online fomentam estereótipos de corpo perfeito e impõem configurações corporais muitas vezes impossíveis de serem alcançadas. Um dos elementos mais valorizados, dentre as características que compõem esse padrão estético desejado, é a magreza.

Nesse contexto em que a adaptabilidade e o trabalho sobre si mesmo se tornam obrigatórios, o sujeito gordo é tomado como aquele que não cuida de si, negligente com o próprio corpo, fraco e impotente. Fischler (1995) expõe resultados de uma pesquisa na qual foi feita uma enquete sobre a seguinte questão: “os gordos são culpados ou vítimas?”. O resultado mostrou que, na maioria dos casos, as pessoas consideram o sujeito gordo como único culpado por sua condição física. De acordo com Brusset (1977 *apud* FISCHLER, 1995, p. 74), o sujeito gordo é considerado transgressor, ele viola as regras que governam “[...] o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si”. Uma consequência dessa “violação” é ser vítima de um processo de estigmatização e marginalização. Frente à norma social vigente, o corpo gordo é visto como desviante, indesejável e, por vezes, desumanizado.

Diante do exposto, defendemos que o ato de comer possa ser compreendido como efeito de um processo de subjetivação e, como tal, atravessado pelo funcionamento da ideologia e do inconsciente, para, assim, ser pensado como uma prática que produz resistência em contextos específicos. Para empreender nosso gesto de análise, nos ancoraremos teoricamente na Análise de Discurso pecheuxtiana, teoria que, ao considerar a interferência da exterioridade na produção dos sentidos, e o corpo como materialidade discursiva, nos permite pensar de que forma os imaginários que circulam sobre o ato de comer afetam a forma como os sujeitos se subjetivam a partir dessa prática.

Nosso gesto de análise parte de um enunciado que compõe um dos relatos colocados em circulação pelo projeto *Não tem cabimento*. O referido projeto reúne, na rede social online *Tumblr*, relatos anônimos de mulheres que passaram por algum episódio de gordofobia. Antes de chegarmos à análise do enunciado em questão, faremos uma breve exposição sobre dois conceitos essenciais para nossas reflexões: *corpo* e *resistência*. Primeiramente, apresentaremos um resgate teórico de como a noção de corpo vem sendo trabalhada no seio dos estudos discursivos; após, discutiremos sobre a forma como a Análise de Discurso pensa a noção de resistência e sua importância no processo de produção dos sentidos; por fim, empreenderemos nosso gesto interpretativo com base no relato em análise.

APONTAMENTOS SOBRE CORPO E DISCURSO

No Brasil, com o desenvolvimento da Análise de Discurso (AD), novas materialidades discursivas têm se imposto como objeto de análise. Dentre elas, o corpo tem sido interesse de diferentes analistas que, na tentativa de articulá-lo à complexa trama do discurso, têm proposto abordagens diversas. Vinhas (2014), em sua tese, faz uma revisão atenta de trabalhos que pensam o corpo vinculados à AD. A partir dessa revisão bibliográfica, a autora chega a três possibilidades de pensar o corpo relacionado ao discurso. São elas: o corpo como suporte, o corpo como materialidade corpórea e, por fim, o corpo como a própria subjetividade, através da designação *corporeidade discursiva*. A partir de agora, nos atentaremos a cada uma dessas abordagens.

A primeira forma de compreender o corpo, denominada *corpo suporte*, está vinculada a uma noção biológica de corpo, entendido como “[...] uma base material para os processos discursivos” (VINHAS, 2014, p. 234). Nessa perspectiva, o corpo estaria relacionado à noção de *carne*, isto é, àquilo que há antes do processo ideológico que converte a carne em corpo. Nas palavras Souza (2010, p. 1), “[...] a carne passa a corpo por um processo de discursivização da carne, trabalho realizado ciosamente pelos agentes ideológicos que cuidam de imaginá-la, educá-la, administrá-la, alocá-la em corpodiscurso”. O corpo gordo, como corpo biológico, está relacionado ao imaginário de corpo doente, pois, de acordo com o discurso médico, o acúmulo

de tecido adiposo gera diversas alterações funcionais e estruturais no organismo, deixando-o suscetível a um conjunto de doenças crônico-degenerativas e inflamatórias.

A segunda forma de compreender o corpo na AD, o *corpo discursivo*, parte do princípio de que, assim como a linguagem, o corpo também pode ser compreendido como materialidade para o discurso, possuindo, por consequência, relação com a ideologia. Contrapondo-se ao corpo empírico, biológico, orgânico, Ferreira (2011) implementa a noção de *corpo discursivo* para designar o corpo enquanto objeto a ser analisado, tomado como materialidade discursiva.

Também nesse sentido, de pensar o corpo como materialidade discursiva, Orlandi (2012), ao colocar questões sobre a relação entre corpo e dança, propõe pensar o corpo como materialidade do sujeito. A autora argumenta que, quando o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, traz consigo um corpo que também é afetado pelo processo de interpelação. A ideologia, pela perspectiva discursiva, é uma prática que “envolve, afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito” (ORLANDI, 2012, p. 18). Em consequência da atuação do Imaginário, a relação entre corpo e sujeito aparece como transparente, mas não o é:

Como sabemos, nem os sujeitos, nem os corpos, pensando-se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. Ou, dito de outra forma, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentido constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redundaria em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente significado. (ORLANDI, 2012, p. 25)

As imagens que são produzidas de certos corpos, portanto, são determinadas ideologicamente. Sendo assim, Orlandi (2012) propõe que, para compreendermos o corpo – enquanto formulações dos sujeitos –, é preciso relacionar sujeito, corpo, linguagem e sociedade. Podemos pensar essa relação com Ernst (2007). A autora, ao analisar a constituição de subjetividades a partir de formações imaginárias que se estabelecem em diálogos sobre o corpo, aponta que diferentes práticas discursivas, na nossa formação atual, atuam no sentido de conter determinados corpos. Os estereótipos presentes no discurso publicitário, por exemplo, fazem com que as pessoas sintam-se imperfeitas e passem a buscar um ideal de corpo não natural, “[...] o culto à juventude e à beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar” (ERNST, 2007, p. 137). Esses discursos produzem efeitos na maneira como os

sujeitos se relacionam com sua imagem corporal e, por consequência, na forma como são interpelados ideologicamente.

Ainda nessa perspectiva, podemos recorrer a Baldini e Souza (2012, p. 69), para quem o corpo pode ser pensado como um lugar de subjetivação. Ao discutir a relação entre corpo e tatuagens, os autores postulam que “[...] a tatuagem constitui sentidos pela produção de um furo no modo de individuação; ela é a prova de falhas no ritual de evocação do sujeito em indivíduo”. Essa afirmação se sustenta no pensamento de Orlandi (2006), que faz uma distinção entre o processo de *assujeitamento* e o processo de *individualização* dos sujeitos. O primeiro diz respeito à entrada do sujeito no simbólico via interpelação ideológica, enquanto o segundo se refere ao modo como o Estado individualiza o sujeito por meio de seus aparelhos. Partindo disso, Baldini e Souza (2012, p. 69) colocam que “[...] como ser falante, o homem não vive seu corpo como um organismo natural, mas como parte de sua subjetividade”. Assim, a tatuagem é pensada como o lugar de um processo discursivo, em que se pode observar a materialização da ideologia.

Por fim, a terceira forma de conceber o corpo em AD, proposta por Vinhas (2014, p. 110), que estabelece uma relação mais estreita com a Psicanálise, se dá pela designação *corporeidade discursiva*. Para a autora, o “[...] corpo não só pode ser compreendido como materialidade discursiva, mas também, como a própria subjetividade”. Nessa perspectiva, ela busca articular corpo, linguagem e discurso, dando conta, dessa maneira, tanto da dimensão social, quanto da dimensão individual da subjetividade.

A autora parte de dois postulados de Pêcheux ([1978] 2014), *não há dominação sem resistência* (primado do Materialismo Histórico) e *ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja* (princípio do Inconsciente), para propor a reflexão de que há duas concepções diferentes de sujeito no quadro epistemológico da AD, a primeira (do Materialismo Histórico) será compreendida como um sujeito social, e a segunda (da Psicanálise) considera uma dimensão individual do sujeito. Essa reflexão é importante porque coloca questões para pensar o corpo como materialidade do sujeito, conforme teorização de Orlandi (2012). A partir disso, Vinhas (2018) pergunta *de que corpo e de que sujeito estamos falando?*

A autora, ainda na mesma reflexão, nos dá algumas respostas: a partir da entrada do sujeito no simbólico, quando acontece a identificação com uma formação discursiva e passa a assumir uma posição, o sujeito é tratado como social; já quando analisamos os dizeres colocados em circulação por um sujeito-falante, buscando algo que seja da ordem da

singularidade, uma falha no ritual, estamos tratando de uma dimensão individual do sujeito. Dito de outra forma, o processo de interpelação ideológica visa à transformação do indivíduo em sujeito social, que passa a responder imaginariamente às determinações ideológicas; contudo, esse processo não ocorre sem falhas. Nele, “[...] o ego se esvai e emerge uma subjetividade também com falhas, as quais são efeito do sujeito do Inconsciente oriundo da Psicanálise” (VINHAS, 2018, p. 82).

A partir disso, a autora pontua a necessidade de considerar a articulação da linguagem e do corpo no processo de constituição da subjetividade, uma vez que, linguagem e corpo estão na base da reprodução da ideologia e da estruturação do Inconsciente. Nas palavras da autora: “[...] ousar se rebelar e ousar pensar por si mesmo não podem ganhar existência sem corpo e sem linguagem” (VINHAS, 2018, p. 82). Com base nessa reflexão é que a autora propõe a noção de *corpolingagem discursivo*, como uma forma de pensar o corpo dentro do quadro teórico-analítico da AD. Tal conceito é melhor explicado na passagem,

O corpolingagem discursivo é o próprio sujeito, constituído pela história, pelo corpo, pela linguagem e pelo discurso. O corpo, portanto, constitui a subjetividade e é constituído por ela, individualmente enquanto sintoma e socialmente enquanto desejo, posto que o desejo é efeito de uma construção social. Nesse sentido, podemos propor que o tripé constitutivo do discurso sofra um deslocamento, passando a ser constituído pelos conceitos de linguagem, história e corpo, posto que é dessa relação que emerge o sujeito. (VINHAS, 2014, p. 235)

As reflexões da autora sobre a relação entre corpo e subjetividade nos levam a pensar nos efeitos que os imaginários sobre o corpo gordo, colocados em circulação pela ideologia dominante, produzem na forma como os sujeitos gordos se subjetivam. Veremos isso mais detalhadamente na análise do depoimento que elegemos como *corpus*. Ao se marcar discursivamente no enunciado em análise, o sujeito diz “*eu sou gorda*” e aponta sua condição corporal como elemento responsável pela discriminação que vive, logo, por seu sofrimento. Podemos perceber, dessa maneira, que, tal como aponta Vinhas (2014), o corpo não é exterior a subjetividade, ele compõe a subjetividade.

Sobre essa perspectiva, importante ainda destacar que a autora considera no *corpolingagem discursivo* duas formas de existência sócio-histórica, uma pela pulsão e outra pelo discurso. Em ambas podemos perceber o funcionamento do processo de resistência: na primeira, a resistência se justifica pelo desejo; na segunda, se instaura em relação à dominação pela ideologia. Dessa maneira, aponta-se um caminho para a articulação entre ideologia e

Inconsciente (VINHAS, 2018). Para compreender melhor essas relações, nos debruçaremos, agora, sobre a noção de resistência e como ela foi pensada por Michel Pêcheux.

A RESISTÊNCIA PARA A ANÁLISE DE DISCURSO

Pêcheux ([1978] 2014), no anexo III da obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, discute a questão do assujeitamento ideológico, levando em consideração a contradição. Nessas reflexões o autor considera que não há, apenas, reprodução e aceitação das evidências produzidas pela ideologia dominante. Para o autor, há algo da ideologia dominante que, na luta de classes, é desestabilizado/transformado pela ideologia dominada. A partir dessas reflexões, Pêcheux postula:

- não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”.
- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”. (PÊCHEUX, [1978] 2014, p.281)

Para compreender melhor as relações estabelecidas pelo autor, vamos nos deter um pouco nas duas noções, a saber, a ideologia e o inconsciente, para, em seguida, situarmos as singularidades da articulações propostas por Pêcheux entre essas duas instâncias e, assim, compreendermos de que forma elas se articulam para produzir a resistência, ponto fundamental do presente trabalho.

Pela perspectiva discursiva, a ideologia “[...] aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos” (FERREIRA, 2003, p. 191). Diferente de outros autores que concebem ideologia como conjunto de representações ou ocultação da realidade, Pêcheux retoma as formulações de Althusser para quem o funcionamento da ideologia produz o efeito de evidência. Para desenvolver sua reflexão sobre o funcionamento da ideologia, Althusser ([1969] 2013) parte de duas teses centrais: (i) A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência; (ii) A ideologia tem uma existência material.

É importante destacar que, para Althusser ([1969] 2013), a ideologia se apresenta de forma inconsciente. Ela se introjeta na sociedade através de formações/instituições de poder que realizam historicamente a ideologia dominante. Essas instituições superestruturais foram

denominadas por Althusser como Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e Aparelho Repressivo de Estado. É o funcionamento da ideologia que vai produzir o efeito de naturalização dos sentidos para os sujeitos, processo que chamamos de interpelação ideológica, a partir do qual funciona o esquecimento nº 1, conforme veremos a seguir.

Conforme Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014), a interpelação ideológica produz dois efeitos de evidência, denominados esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2. O primeiro esquecimento diz respeito ao fato de o sujeito ter a ilusão de ser fonte dos sentidos, e tal esquecimento é de ordem inconsciente. O segundo esquecimento, por sua vez, considerado de natureza pré-consciente-consciente, se refere à evidência de que o sujeito pode controlar os sentidos através do processo de enunciação. Conforme os autores, “[...] a relação entre os esquecimentos nº 1 e nº 2 remete à relação entre a condição de existência (não subjetiva) da ilusão subjetiva e as formas subjetivas de sua realização” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2014, p. 177). Tais esquecimentos fazem com que os sujeitos e os sentidos estejam sempre em movimento, produzindo novos processos discursivos a partir da retomada dos sentidos já produzidos, já-ditos.

A relação entre sujeito e ideologia, via interpelação ideológica, se dá mediada pelo que Pêcheux ([1969] 2014) denomina como Formações Ideológicas (FI), que representam, no plano do discurso, os AIE. As FI podem ser compreendidas como um conjunto complexo de representações que se relacionam com as posições de classe que estão sempre em relação de conflito. As FI são compostas por Formações Discursivas (FD), concebidas como aquilo que determina “[...] o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2014, p. 164).

Toda vez que um sujeito produz um discurso, ele o faz, portanto, identificado com alguma FD, só que essa relação também sofre atravessamentos, pois não há identificação ideológica sem atuação do registro imaginário. Ao explicar o processo de constituição do sujeito discursivo, Pêcheux ([1975] 2014) aponta que ele ocorre a partir da inscrição do indivíduo em uma posição-sujeito que está vinculada, por sua vez, a uma FD específica. Esse processo se dá por um reconhecimento imaginário de uma posição que o leva a identificar-se com determinados saberes e inscrever-se numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico.

Se, por um lado, o sujeito da AD tem como característica constitutiva o assujeitamento ideológico, por outro, ele é dotado de inconsciente; isso implica numa noção de sujeito que não é senhor dos seus atos, que não tem controle absoluto sobre o discurso que produz. Uma marca importante desse sujeito que advém da Psicanálise e é incorporado pela AD é sua natureza desejanste, em consequência de sua condição de incompletude.

A forma como a Análise de Discurso trabalha com a noção de inconsciente tem suas singularidades. Para a AD, “[...] o inconsciente se manifesta por via da materialidade significante e devidamente afetado pela ideologia com a qual estabelece um limite poroso de afetação” (FERREIRA, 2015, p. 160), sendo que o assujeitamento só é possível porque o sujeito é dotado de inconsciente. A perspectiva discursiva se ancora na hipótese de que o inconsciente pode ser considerado uma via de acesso ao sujeito, através da linguagem. A resistência irrompe, portanto, pela “[...] falha constitutiva no interior da língua, da história, do sujeito e da própria ideologia” (FERREIRA, 2015, p. 160).

Assim, se articulam as duas ordens: a da ideologia e a do inconsciente. Pêcheux ([1984] 2015) ressalta que essas duas ordens não se confundem; contudo, a ideologia não pode ser pensada sem referência ao registro do inconsciente. Por um lado, “[...] o lapso, o ato falho, etc. constituem, enquanto quebras e fragmentos de rituais, as matérias-primas da luta ideológica das classes dominadas” (PÊCHEUX, [1984] 2015, p. 16); por outro lado, “[...] o círculo-ritual da interpelação ideológica é a matéria prima da dominação ideológica” (PÊCHEUX, [1984] 2015, p. 16). Dessa maneira, a ideologia dominante trabalha, incessantemente, para tentar tamponar seus pontos de fragilidade, que emergem nas falhas do ritual de interpelação nas quais se instaura a resistência.

O ATO DE COMER COMO UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Conforme foi dito anteriormente, nossa análise se baseia em um enunciado recortado de um depoimento presente no arquivo do projeto *Não tem cabimento*. A maior parte dos relatos publicados no blog é anônima, com exceção de alguns em que os autores se identificam ao longo do texto. Cada um dos relatos recebe como título o enunciado *Não tem cabimento* seguido de uma hashtag com o número do relato referente à sequência em que ele é publicado no blog. A partir das informações disponibilizadas pela idealizadora do projeto, é possível perceber que seu principal objetivo é transformar sua página pessoal em um espaço de desabafo e, ao mesmo

tempo, de militância para pessoas que sofrem diariamente com a gordofobia. Tendo em vista a natureza dos depoimentos e os objetivos do projeto, decidimos pensar esses relatos como testemunhos, a partir da teorização proposta por Mariani (2016).

O testemunho, de acordo com Mariani (2016, p. 54), se configura em um falar que tem como característica sua urgência, que aponta para “[...] o não esquecer e para um não deixar os outros esquecerem”. Contudo, como a linguagem é insuficiente em dar conta de um todo real, torna-se impossível falar de um “todo vivido”. Há, então, uma tensão entre a memória e o esquecimento. Nas palavras da autora, “[...] de um lado o fantasma da memória, aquilo que, pela via do imaginário insistimos em recordar [...] do outro, o furo da memória, que insiste em ficar sem representação”.

Precisamos pensar, portanto, o testemunho em análise a partir das condições em que ele foi produzido. Não se trata de um relato isolado, os sentidos que dele emergem são produzidos a partir da sua relação com os outros testemunhos que compõem o projeto. Se por um lado precisamos considerar as singularidades que envolvem o processo discursivo que deu origem ao testemunho selecionado, por outro, também é preciso levar em consideração que este testemunho é produzido a partir de um lugar de denúncia e também de escuta, oportunizado pelo projeto que se propõe a resistir ao discurso dominante que silencia e deslegitima o sofrimento daqueles cujos corpos não atendem ao padrão vigente.

Para fins de análise, nos remeteremos, a partir de agora, ao trecho exposto em (01), o qual foi recortado de um dos testemunhos publicados na página do projeto *Não tem Cabimento*:

(01) Relato selecionado para análise.

Tem quase 6 meses que eu fico com um garoto que é comprometido, a namorada dele terminou com ele e ao invés de ele me assumir que foi o que ele disse q faria, ele voltou com ela! Chorei muito!!!! Ele disse que eu completava, ele demonstra isso, mas acho(tenho quase certeza) que ele não me assume pq sou gorda, normalmente eu tento não pensar que é isso, mas qual outra explicação teria? ... A única coisa que faço é tentar ficar bem? Deixar minha auto estima alta me arrumando bem. Decidi não ligar pra opinião dos outros! Se eu quiser comer eu vou comeeeeer! Se alguém ficar me olhando eu como de novo e mando se fuder! (NÃO TEM CABIMENTO, [2020], depoimento 52)¹

¹ Sequência recortada do depoimento intitulado Não tem cabimento 52, reunido pelo projeto virtual *Não tem cabimento*.

O recorte operado no testemunho em análise é referente a um trecho no qual a autora relata uma situação amorosa que lhe causa sofrimento. A partir do testemunho, é possível perceber marcas que apontam para uma identificação do sujeito discursivo com a FD dominante. Ao enunciar, frente ao sofrimento da rejeição, que busca *Deixar minha auto estima alta me arrumando bem*, o sujeito coloca em circulação o imaginário, produzido pela ideologia dominante, de que a aparência física é condição para o bem-estar. Além disso, podemos pensar que considerar que a rejeição amorosa ocorre em razão de ser gorda é uma interpretação que só é possível a partir da FD dominante, pois é a partir dela que emergem os imaginários de que o corpo gordo deve ser considerado feio, indesejável e motivo de vergonha. Ao corpo gordo não seria possível o envolvimento em uma relação amorosa, pois, por ser objeto de repulsa, segundo os saberes da ideologia dominante, não poderia encontrar um/a parceira/o. No entanto, da mesma forma que há marcas, no testemunho, que apontam para identificação do sujeito com a FD dominante, também conseguimos perceber marcas que apontam para uma falha no ritual da interpelação, produzindo resistência.

Conforme Ferreira (2015, p. 165), a resistência é da ordem da incompletude. Nas palavras da autora, “[...] o sujeito resiste à dominação, resiste ao enquadramento, à manipulação, nem sempre de forma consciente, e nem sempre de forma exitosa, mas o faz sem cessar”. Ao fazê-lo, deixa materializadas na linguagem suas contradições e, também, seus enfrentamentos. Se pensarmos que o corpo, assim como língua, pode ser considerado como materialidade discursiva, então o ato de comer, no contexto em questão, pode ser pensado como uma prática de resistência. Ao enunciar *Se eu quiser comer eu vou comeeeeer! Se alguém ficar me olhando eu como de novo e mando se fuder!*, o sujeito demonstra uma contraidentificação com o discurso dominante.

Orlandi (1998 *apud* MARIANI, 2020, p. 19) propõe pensar a resistência como o estabelecimento de “[...] um outro lugar de discurso onde se possa (re)significar o que ficou fora do discurso”. Partindo disso, o testemunho em análise nos permite pensar no corpo como a materialidade para a inscrição desse “outro lugar de discurso. Ao comer, frente ao olhar e julgamento dos que, identificados com a formação discursiva dominante, julgam tal prática, o sujeito gordo “(re)significa” no próprio corpo, processo que é interdito pela ideologia dominante.

Para sustentar nosso gesto de interpretação, precisamos retomar o que foi dito na introdução deste texto e olhar para os diferentes sentidos que emergem da prática de comer. Se pensarmos nos sentidos que o ato de comer assume na nossa formação social, inicialmente, chegaremos à conclusão de que comer se configura como uma das necessidades básicas do ser humano, uma prática cotidiana e necessária a todos. Contudo, da mesma maneira que as relações que os sujeitos estabelecem com seus corpos vão se modificando historicamente, também o ato de comer passa a ser significado de diferentes formas. Santos (2008, p. 22), aponta que na, formação social atual, o ato de comer

[...] não se trata apenas de uma decisão diária, é uma decisão que se faz a todo o momento sobre o quê, como e quando se deve ou não se deve comer. Envolve um controle permanente dos desejos, sensações, fomes e ansiedades, uma reconstrução do gosto alimentar que, por muitas vezes, desestruturam vidas humanas.

A partir do enunciado corriqueiramente reproduzido “nós somos o que comemos”, o qual se coaduna com o exposto por Santos (2008), podemos perceber que o ato de comer, atualmente, deixou de ser uma prática banal e passou a compor os processos de subjetivação dos sujeitos. Suas escolhas alimentares, também podem ser consideradas produtos do processo de interpelação ideológica. A mídia, nesse sentido, tem assumido um papel fundamental na disseminação dos imaginários sobre a alimentação. A todo momento somos expostos a discursos sobre alimentação, desde publicidades produtos alimentícios, até notícias de dietas da moda e especulações sobre as escolhas alimentares de pessoas famosas. Santos (2008, p. 23) afirma que vivemos “uma cacofonia alimentar dirigida para um público que assume múltiplos papéis: consumidores, leitores, pacientes, telespectadores, cidadãos, alunos”. Quando a autora do depoimento fala *Decidi não ligar pra opinião dos outros!*, ela está respondendo a um já-dito sobre o que pode e o que não pode comer, se pode ou se não pode comer. Esse já-dito determina o que pode e deve ser dito a partir de sua posição, ou seja, ela fala de um lugar que nega uma posição política, ideológica e de classe dominante, a partir da qual se diz que comer não é uma prática para “tentar ficar bem”, mas, sim, é uma prática de ingestão dos nutrientes necessários para a manutenção da vida e da saúde.

Em razão de que os sujeitos têm acesso a muitos e contraditórios discursos sobre a alimentação, e uma parte da população tem acesso a uma enorme variedade de produtos alimentares, cristalizou-se o imaginário de uma suposta liberdade em relação à alimentação. Em outras palavras, comer – bem ou mal – é considerado uma escolha individual. Isso está

diretamente relacionado a um dos efeitos do funcionamento ideológico: o processo de individualização dos sujeitos pelo Estado. Segundo Orlandi,

Uma vez interpelado em sujeito pela ideologia, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individualizada concreta: no caso do capitalismo, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder, como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres), frente ao Estado e aos outros homens. (ORLANDI, 2001, p. 107)

Nessa perspectiva, no que tange à alimentação, o sujeito é interpelado a acreditar que é o único responsável pelo que ingere, e, dessa forma, é colocado em uma posição de ser julgado pelas escolhas alimentares que faz. Assim, ser gordo, magro, doente ou saudável passa a ser considerado de responsabilidade exclusiva do sujeito, pelo assujeitamento ideológico individualizado. Conforme Santos (2008, p. 26), a alimentação “[...] está no indivíduo, que deve constantemente buscá-la e construí-la na mesma proporção que busca a auto-identidade”. Dessa forma, as escolhas de práticas alimentares passam a estar estreitamente relacionadas à adoção de um determinado estilo de vida, associado, portanto, a uma posição política, ideológica e de classe.

Podemos perceber que, no testemunho em análise, do ato de comer emergem outros sentidos, além dos já mencionados. Nesse caso, temos o ato de comer sendo colocado em prática por uma mulher gorda que, frente à norma social vigente, é considerada negligente com seu corpo pelas escolhas alimentares que faz e pelo efeito dessas escolhas em sua condição física. Esse discurso aponta para, pelo menos, dois efeitos de sentidos diferentes sobre o ato de comer, colocados em confronto. O primeiro efeito de sentido parece ser vinculado à forma-sujeito dominante que regula o que os sujeitos devem ou não comer, quem pode comer o quê, e, especialmente em relação aos sujeitos gordos: que estes devem se envergonhar de comer.

Entendemos forma-sujeito, conforme Pêcheux ([1975] 2014), como o elemento pelo qual o sujeito se identifica com a FD que o constitui, produzindo a unidade imaginária do sujeito. Como a FD é heterogênea, isto é, atravessada por outros saberes exteriores ao seu domínio, a forma-sujeito acaba dividindo-se em diferentes posições-sujeito (INDURSKY, 2000). Ao dizer que *se quiser comer vai comer*, o sujeito, no discurso em análise, assume uma outra posição-sujeito, da qual emerge um discurso de resistência, pois significa comer como uma prática que pode e deve ser realizada por qualquer pessoa, em qualquer circunstância, para que se sinta feliz, sentido oposto ao produzido pela forma-sujeito dominante.

Podemos pensar, então, a partir da análise aqui empreendida, o *comer* como um processo de contraidentificação com a formação discursiva dominante, isto é, institui uma forma de resistência à forma-sujeito dessa FD e aos domínios de saberes que ela organiza, colocando em circulação novos sentidos sobre o ato de comer. Esse gesto de interpretação é viável se considerarmos o corpo como materialidade discursiva. Assim, podemos pensar que o *comer* seria uma forma de resistir pelo corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nossa reflexão, buscamos compreender os imaginários que circulam na formação social capitalista sobre as práticas alimentares e as relações que os sujeitos estabelecem com sua forma e imagem corporal. A partir dos estudos de Santos (2008), podemos perceber que a alimentação se tornou um aspecto de expressão cultural muito importante. E, com o desenvolvimento tecnológico da indústria alimentícia, a relação dos sujeitos com suas práticas alimentares ganham uma nova dimensão.

A partir disso, propomos considerar o ato de comer como efeito de um processo de subjetivação. O estado, através do funcionamento de seus diferentes AIE, introjetam nos sujeitos ideais de normalidade, saúde, beleza, etc., que buscam normatizar os corpos, interpelando os sujeitos a desejarem enquadrar-se em um determinado padrão corporal, pautado pela magreza. Nesse contexto, o ato de uma pessoa gorda comer frente aos olhares de reprovação dos que se identificam com o discurso dominante, como vimos no testemunho em análise, pode ser pensado como um ato de resistência. Esse gesto de interpretação se sustenta na perspectiva de que o corpo deve ser considerado, assim como a língua, como materialidade discursiva. Isso nos leva a considerar o *comer*, em determinadas condições de produção, como uma forma de resistir através do corpo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado. [1971]. In: ZIZEK, S. (org.) **Um mapa da Ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 105-142.

BALDINI, L. J. S; SOUZA, L. L. Os sentidos tomando corpo. *In: AZEVEDO, A. F. **Sujeito, corpo, sentidos***. Curitiba: Appris, 2012. p. 69-88.

ERNST, A. G. Corpo, Discurso e Subjetividade. *In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 135-144.

FERREIRA, M. C. L. O discurso do corpo. *In: SANSEVERINO, A. M. V; MITTMANN, S. (org.) **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011b. p. 90-105.

FERREIRA, M. C. L. Resistir, resistir, resistir....: primado prático discursivo!. *In: SOARES, A.S.F. et al. (org.). **Discurso, resistência e...*** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 159-167.

FISCHLER, C. Obeso benigno obeso maligno. *In: SANT'ANNA, D. B. de (org.) **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.69-80.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do discurso. *In: INDURSKY, F; CAMPOS, M. C. (org.). **Discurso, memória, identidade***. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 70-81.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de Formação Discursiva. *In: BARONAS, R. L. (org.) **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação Discursiva*. São Carlos: Pedro & João, 2011. p. 77-91.

MARIANI, B. S. C. Testemunho: um acontecimento na estrutura. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.12. n.1. p.48-63. jan./jun. 2016. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5890/3896>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MARIANI, B. S. C. Discurso de resistência e testemunhos. *In: GRIGOLETTO, E; DE NARDI, F. S; SILVA, S. D. (org.). **Discursos da resistência**: literatura, cultura, política*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 17-31.

NÃO TEM CABIMENTO. Página do Tumblr. [2020]. Disponível em: <https://mulhergorda.tumblr.com/> Acesso em: 25 mar. 2020.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. 4ª. edição. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. Processo de significação, corpo e sujeito. *In: AZEVEDO, A. F. (org.). **Sujeito, corpo, sentidos***. Curitiba: Appris, 2012. p. 13-30.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). [1969]. *In*: GADET, F; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Traduzido por Bethania Mariani [et al.] 5.ed.. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio [1975]. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação [1978]. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 269-281.

PÊCHEUX, M. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**. [1984]. v. 1, n.4., p.1-22, 2015.

PÊCHEUX, M. FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. [1975]. *In*: GADET, F; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Traduzido por Bethania Mariani et. Al. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-250.

SANTOS, L. A. S. **O corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: EDUFBA, 2008.

VINHAS, L. I. **Discurso, corpo e linguagem**: processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre.

VINHAS, L. I. Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n.2., p.78-87, 2018.